CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUZES NO CREPÚSCULO – O CINEMA DE AKI KAURISMÄKI
4 DE ABRIL DE 2023

La vie de bohème / 1992

Um filme de Aki Kaurismäki

Realização: Aki Kaurismäki / Argumento: Aki Kaurismãki, a partir do romance "Scènes de la Vie de Bohème" de Henri Murger / Fotografia (preto e branco): Timo Salminen / Direcção artística: John Ebden / Música: canções de Damia, Sacy Sand, Mauri Sumén, Tchaikowski, The Fake Trashmen, Little Willie John, Mouludji, Serge Reggiani, Georg Ots, Toshitake Shinohara / Montagem: Veikko Aaltonen / Som: Jouko Lumme / Figurinos: Simon Murray / Interpretação: Matti Pellonpãã (Rodolfo), Evelyne Didi (Mimi), André Wilms (Marcel Marx), Kari Vãânanen (Schaunard), Jean-Pierre Léaud (Blancheron), Samuel Fuller (Gassot), Louis Malle (o cavalheiro), Alexis Nitzer (Henri Bernard), Gilles Charmant (Hugo).

Produção: Sputnik OY (Finlândia), Pyramide Production, Films A2 (França), Svenska Filminstitutet (Suécia), Pandora Films (Alemanha) / Cópia: dcp, versão original falada em francês legendada em inglês e com legendagem eletrónica em português / Duração: 103 minutos / Estreia finlandesa: 28 de Fevereiro de 1992 / Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa: 24 de Março de 2000 (Ciclo Aki Kaurismäki).

Com a presença de Aki Kaurismäki

A Boémia só existe e só é possível em Paris.
Henri Murger (do prefácio de *Scènes de la vie de bohème)*

Com o habitual sentido de auto-irrisão bem humorada que caracteriza as entrevistas e os depoimentos de Aki Kaurismäki sobre a sua obra, o realizador apresentava ***La vie de bohème*** (ou ***Boheemielämää*** na versão finlandesa) no dossier de imprensa do filme com um pedido de desculpas pela "negligência" cometida, invocando em sua defesa três atenuantes para ter ousado adaptar o livro de Henri Murger: "1) Jacques Prévert não estava disponível por motivos de força maior; 2) Já antes tinha arruinado obras primas de Dostoievski e Shakespeare da maneira mais pedestre, o que, de qualquer modo, já não teria perdão; 3) o meu desejo era vingar-me de Puccini, que no conhecimento geral é tido como o pai desta história maravilhosa." Na mesma ocasião, Kaurismäki contava que o seu primeiro contacto com *Scènes de la vie de bohème* aconteceu em 1976, trabalhava então como funcionário dos correios finlandeses, e que logo nessa altura teria decidido fazer um filme a partir do livro. Alguns anos tiveram que decorrer até poder passar essa ideia à prática, sendo esta a primeira produção da novel Sptunik Oy, a produtora que criou depois da extinção da Villealfa, a empresa criada pelos irmãos Kaurismãki, em 1981, para concretizar todos os seus filmes (Mika também criara entretanto a sua própria produtora, a Marianna Films).

Um dos maiores motivos de espanto deste fabuloso ***La vie de bohème*** é a surpreendente coincidência entre a letra e o espírito do original de Murger com o filme que Kaurismäki dele fez. Ao contrário das suas anteriores adaptações (Dostoievski, Shakespeare, Hans-Christian Andersen), Kaurismäki mudou pouca coisa e nunca mexeu no essencial. À distância de quase século e meio (a primeira edição do livro data de 1851), Kaurismäki terá encontrado em Murger a sua alma gémea artística. Talvez por essa razão, esta será, a par de ***Juha,*** eventualmente a mais fiel adaptação cinematográfica das várias empreendidas por Kaurismäki (não conhecemos a adaptação que dirigiu de Jean-Paul Sartre, a partir de *As Mãos Sujas,* para a televisão finlandesa em 1989). O mais pessoal dos livros de Murger (é uma obra, em larga medida, autobiográfica pois o escritor conheceu

bem na sua juventude as vicissitudes económicas da vida de artista, sendo estas parcialmente responsáveis pela sua morte prematura, em 1861, com apenas 39 anos) transformou-se no mais pessoal dos filmes de Kaurismäki. Quem queira fazer o retrato psicológico do realizador tem aqui matéria que chegue para ficar com uma ideia bastante clara sobre o que Kaurismäki pensa e espera da vida, do amor e da arte. As peripécias cómico-dramáticas vividas pelos três artistas que protagonizam ***La vie de bohème,*** desprovidos de grande sentido prático mas dotados de um grande coração (no amor e na amizade, como na arte), colam-se como uma segunda pele a Kaurismäki e ao universo da sua obra (e que permitem falar dela em termos adjectivos como "kaurismakiana") e ajudam a desfazer o equívoco que durante algum tempo o baptizou de "cineasta social" (que o rótulo fácil da chamada "trilogia proletária" ajudou a alimentar). Em ***La vie de bohème,*** Kaurismäki não se "apaga" para dar a ver Murger e assim reparar o seu relativo esquecimento *{La Bohème,* a ópera que Puccini compôs a partir do livro, é indubitavelmente mais conhecida do que este e o seu *libretto* está na origem das várias adaptações ao cinema que a história conheceu), mas antes afirma as suas convicções mais profundas como raramente antes o teria feito, ainda que se esconda atrás da máscara da fidelidade ao original do escritor francês (é o mesmo pudor que impede Kaurismäki de falar, nos filmes e fora deles, de coisas sérias sem uma pequena dose de mansa ironia e de melancólico humor).

Não pense quem leu estas linhas até aqui sem ter ainda visto o filme que ***La vie de bohème*** é mais uma daquelas adaptações em que uma excessiva fidelidade respeitosa acaba por sufocar qualquer inventividade, sendo o resultado final uma ilustração esmerada mas sem vida própria do livro que lhe esteve na origem. Esse nunca foi o modo de proceder de Kaurismãki, que prefere apropriar-se somente do que lhe interessa (deitando o resto fora sem fazer qualquer cerimónia) e misturar-lhe uma multiplicidade de referências pessoais, a começar pelas cinéfilas (em ***La vie de bohème,*** para além dos irresistíveis *cameos* de Samuel Fuller, Jean-Pierre Léaud e Louis Malle, temos também "revisitações" de Jacques Becker, de Jean Renoir e do realismo poético francês), sem que tais citações surjam forçadas ou gratuitas. Fascinante é igualmente a "actualização" do tempo da acção, mantendo a sua localização parisiense. Decorrendo num indefinido presente em que proliferam subtis anacronismos (dos indícios de urna "vida material" recente mas já ultrapassada, aos comportamentos "antiquados" da generalidade das personagens, já para não falar da extinta figura do artista intransigentemente independente e lutando para sobreviver apenas à custa do seu talento), ***La vie de bohème*** devolve-nos intacta uma certa imagem nostálgica e romântica do "vieux Paris" de Murger. De Helsínquia a Londres, as cidades de Kaurismäki são sempre tocadas por um ligeiro irrealismo (um apurado sentido de estilização como que transforma os décors reais, em que exclusivamente filma, em cenários artificiais, de estúdio), mas a imagem desta Paris anexada à "Kaurismakilândia" é absolutamente extraordinária na autenticidade não afectada dos seus *quartiers* populares (não confundir com típicos). Kaurismäki teria procurado em vão os vestígios dessa Paris operária no centro da cidade, tendo acabado por encontrar o que pretendia na periferia parisiense.

É nesse cenário fora de qualquer tempo preciso que situa a narrativa das vidas dos três amigos e das suas quixotescas ambições artísticas. É significativo que o caloroso olhar de Kaurismäki sobre o pintor Rodolfo, o escritor Marx (personagem a que regressará no mais recente ***Le Havre***) e o compositor Schaunard não deixe nunca perceber qualquer juízo sobre os respectivos talento, como se a sua integridade e grandeza humana fossem mais importantes que o seu possível génio. Ficamos com o relato das suas paixões amorosas, com a felicidade e a dor, a fortuna e a miséria, o riso e as lágrimas, a sucederem-se com a mesma serena inevitabilidade das estações do ano até à resignação final da solidão de Rodolfo depois da morte de Mimi, porventura uma das sequências mais comoventes de toda a obra de Kaurismäki (por sinal, num filme de um extraordinário e requintado humor). A ausência de ênfase e o simpático tom menor dos filmes de Kaurismäki não são apenas opções formais, mas traduzem a visão do mundo do seu autor. Por vezes, como na belíssima elegia que ***La vie de bohème*** é, de forma intensamente lírica.

Nuno Sena